

ERIC HOBBSAWM (*IN MEMORIAM*): NOTAS PARA LEITURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PRÉ-POLÍTICOS

Felipe Paiva Soares.¹

E-mail: paiva.his@gmail.com.

Universidade Federal de Sergipe (UFS).

RESUMO

O presente artigo pretende realizar um balanço historiográfico da obra do historiador britânico Eric Hobsbawm, focando a análise em suas obras sobre os movimentos sociais pré-políticos: *Primitive Rebels* (1959) e *Bandits* (1969). Longe de ser uma tentativa de balanço meramente cronológico, intenta-se por em análise a própria perspectiva teórica de Hobsbawm, já presente em suas primeiras obras. Com efeito, é preciso inserir o autor na chamada tradição crítica do materialismo histórico e na vertente romântica das ciências sociais, demonstrando o diálogo existente tanto com Karl Marx como, por exemplo, Antonio Gramsci, Walter Benjamin e Gyögy Lukács. Para tal, o roteiro investigativo seguirá os seguintes passos: a) apresentação da primeira fase produtiva de Hobsbawm; b) estabelecimento do vínculo entre tal fase e a chamada vertente “romântica” nas ciências sociais e c) uma análise de sua proposta teórica dentro da tradição crítica do materialismo histórico.

Palavras-chave: Teoria da História, Materialismo Histórico, Eric Hobsbawm.

ABSTRACT

This article intends to take stock of the historiographical work of British historian Eric Hobsbawm, focusing on the works in which the author termed a pre-political social movements: *Primitive Rebels* (1959) and *Bandits* (1969). Far from being an attempt to make a pure chronological balance, it tries to analyze Hobsbawm's own theoretical perspective which was already present in his early works. Indeed, one must insert the author in the so-called critical tradition of historical materialism and in the romantic branch of the social sciences, demonstrating the existing dialogue with Karl Marx, and also other authors such as Antonio Gramsci, Walter Benjamin and György Lukács. To this end, the investigative script follows the following steps: a) presentation of the first phase of Hobsbawm's production, c) establishing a link between this phase and the so-called "romantic" branch in the social sciences and b) a theoretical analysis of its proposal within the critical tradition of historical materialism.

Keywords: Theory of History, Historical Materialism, Eric Hobsbawm.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e atualmente mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH - UFF), sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Bittencourt.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.

Walter Benjamin, *Sobre o conceito de História*.

INTRODUÇÃO

Poucos historiadores produziram no decorrer do século XX uma obra tão coesa, abrangente e lúcida quanto Eric Hobsbawm. Autor prolífico, ele é referência para todo historiador já formado ou em formação, e para todos que se interessam pelos temas que perpassam sua obra. Temas estes que vão da teoria marxista ao jazz; da revolução francesa ao socialismo soviético, da ação política à atividade intelectual, da teoria da história à prática historiográfica empírica.

A diversidade dos temas não deve, entretanto, ofuscar a unidade teórica e metodológica de sua obra. Fosse escrevendo sobre Lênin ou Charlie Parker, este britânico cosmopolita fazia-se valer de uma teoria fluente e flexível, que não excluía um método rigoroso e coerente que desce vazão à complexa realidade analisada. Em uma palavra: a unidade da obra de Hobsbawm encontra-se nas suas formulações teóricas. Junto a essas formulações havia a preocupação com a realidade concreta, os homens e mulheres do hoje e do amanhã. Com isso em mente argumento que para a compreensão da unidade da obra de Hobsbawm cabe olhar em retrospectiva, pois é em suas primeiras obras ela já se faz presente de forma madura e bem delineada.

Nas análises do autor sobre o banditismo social e as formas de movimentos sociais pré-Políticos, que levou a cabo nos primeiros livros publicados, encontram-se as características que se fariam presentes no restante de sua trajetória. E assim acontece, pois já nesse momento havia o diálogo com autores da chamada “tradição crítica do materialismo histórico”, especialmente Antonio Gramsci, não excluindo as interfaces existentes entre György Lukács e Walter Benjamin. Fossem tais interfaces explícitas ou implícitas. Além da identificação com o materialismo histórico fazia-se já presente neste momento a tendência romântica para a pesquisa em ciências sociais, de acordo com a definição de Robert Sayre e Michael Löwy.

A seguir tentarei demonstrar, ainda que de forma preliminar, essas faces do mesmo historiador. Ademais, tratam-se somente de “notas para uma leitura”. O intuito não é esgotar o tema, somente problematiza-lo.

NOTAS PARA LEITURA

Incentivado por Ambrogio Donini e Max Gluckman, Eric Hobsbawm empreende uma série de conferências na Universidade de Manchester a respeito das formas arcaicas e primitivas de movimentos sociais. Passados alguns anos vem à luz uma versão ampliada dessas conferências: *Primitive Rebels*, livro com a primeira edição datada de 1959.

Nesse momento o historiador buscava compreender a formação do que chamou de “movimentos sociais pré-políticos”. Isto é, que apresentavam uma postura de oposição à ordem social vigente - ordem esta comumente estabelecida em formas de organização socioeconômicas pré-capitalistas -, mas que não tinha um programa político preciso. Tais movimentos formavam-se,

(...) de gentes *prepolíticas* que todavía no han dado, o acaban de dar, con un lenguaje específico en el que expresar sus aspiraciones tocantes al mundo. Pese a que por ello sus movimientos participan muchas veces de la ceguera y de la inseguridad del terreno en que se mueven, cuando se les compara con los que llamamos modernos, ni carecen de importancia ni son marginales (HOBSBAWM, 1983a, pp. 11, 12).

Ao atribuir real importância a tais movimentos, Hobsbawm retira um caráter negativo dessas formas de insurgências as quais chama de arcaica. As diferenças para com os métodos de ação modernos são explicitadas, mas não enquanto sentido de *atraso* dos rebeldes, mas enquanto formas de adaptação a contextos históricos específicos:

Los hombres y mujeres de que aquí nos ocupamos difieren de los ingleses en que no han nacido en el mundo del capitalismo como nace un mecánico de la cuenca del Tyne, con cuatro generaciones de sindicalismo detrás de sí. Llegan a él en su calidad de inmigrantes de primera generación, o lo que resulta todavía más catastrófico, les llega este mundo traído desde fuera, unas veces con insidia, por el operar de fuerzas económicas que no comprenden y sobre las que no tienen control alguno; otras con descaro, mediante la conquista, revoluciones y cambios fundamentales en el sistema imperante, mutaciones cuyas consecuencias no alcanzan a comprender, aunque hayan contribuido a ellas (HOBSBAWM, 1983a, pp. 11, 12).

O problema principal desses movimentos é o de “cómo adaptarse a la vida y luchas de la sociedad moderna, y el tema de este libro es él proceso de adaptación (o el fracaso en el empeño adaptador) tal cual queda expresado en sus movimientos sociales arcaicos”. Estudar esses movimentos é, portanto, debruçar-se sobre a “forma primordial de defensa del hombre contra las arbitrariedades del mundo que le rodea”. Essa forma primordial de defesa contra as arbitrariedades é a ligação entre as formas arcaicas e as modernas. Tal vínculo existe pois, os homens e mulheres que formam os movimentos

primitivos “constituyen la gran mayoría de muchos, acaso los más, países aún en la actualidad, y la adquisición por su parte de la conciencia política ha hecho de nuestro siglo el más revolucionario de la historia”, sendo por esta razão que o estudo “de sus movimientos no es solamente curioso, interesante o emocionante para el que se ocupa del destino de los hombres; tiene también importancia práctica” (HOBSTAWM, 1983a, p. 11-13).

Com essa postura Hobsbawm alinha-se ao que Robert Sayre e Michael Löwy chamaram de “corrente romântica nas ciências sociais”. Löwy e Sayre entendem por visão romântica da realidade a “rejeição e a crítica da modernidade capitalista/industrial” em nome de valores tirados do passado pré-moderno. Entretanto, o romântico não deve ser entendido como um mero saudosista, ou passadista ansioso por voltar à “essência original”, ao contrário existe toda uma “gama de posições românticas de esquerda ou revolucionárias - inclusive um romantismo marxista - que procuram no passado uma inspiração para a invenção dum futuro utópico” (SAYRE; LÖWY, 1999, pp. 43, 44).

Os autores admitem que Hobsbawm esteja inserido nessa corrente de pensamento, mas de maneira limitada se comparado, por exemplo, com seus contemporâneos E.P. Thompson e Raymond Williams. O vínculo entre o romantismo de esquerda e a obra do historiador é especialmente perceptível em sua produção sobre os movimentos pré-políticos:

Dentre os historiadores marxistas, Eric Hobsbawm manifesta, mas só numa certa medida, uma sensibilidade romântica. É suficiente ler seu *Rebeldes primitivos* (1959) para se dar conta do seu interesse pelas “formas arcaicas do movimento social”, sejam os bandidos sociais, os movimentos milenaristas no sul da Itália ou os camponeses anarquistas da Andaluzia. Como marxista e militante comunista, ele não se identifica de modo nenhum com os métodos ou rituais desses movimentos, mas, nem por isso ele é menos atraído e até fascinado por esses fenômenos pré-modernos, negligenciados como marginais ou sem importância pelos historiadores, em parte “por causa dos preconceitos racionalistas ou modernistas” (SAYRE; LÖWY, 1999, p. 45).

Provavelmente por conta de sua veia romântica a forma arcaica de rebeldia social mais cara a Hobsbawm seja o banditismo. Sua definição de banditismo demonstra quase invariavelmente uma utilização de elementos românticos, mas sem descambar para sua idealização. Tal postura aparentemente paradoxal é justamente o ponto de equilíbrio de sua tese.

Segundo Hobsbawm, há dois extremos nas formas de expressão do banditismo. Existe, por um lado, o “bandolero de la venganza de sangre (...), y que *no* era un bandolero social luchando contra el rico para dar al pobre, sino un individuo que luchaba con y para los de su sangre (...) contra otro grupo de parentesco, incluidos sus pobres” e, por outro lado, também existe o “clásico Robín de los Bosques, que era y es esencialmente un campesino alzado contra terratenientes usureros y otros representantes de la que Tomás Moro llamaba la ‘conspiración de los ricos’”. Entre esses dois extremos “se escalona toda una gama de evolución histórica”, extremamente complexa e não linear” (HOBSBAWM, 1983a, p. 13). Essa visão de um lado romântica e de outro não linear do devir histórico e das pessoas que nesse devir desempenham papel está intimamente ligada à chamada tradição crítica do materialismo histórico.²

Em sua introdução à edição de um fragmento dos esboços de crítica da economia política marxianos (os conhecidos *Grundrisse*) Hobsbawm argumenta que se deve entender que Marx “não se refere à sucessão cronológica, ou mesmo à evolução de um sistema a partir de seu predecessor (...), mas à evolução num sentido mais geral” (HOBSBAWM, 2006, p. 38). Da mesma, não se deve entender os rebeldes primitivos em geral, e os bandidos em particular, como simples sucessão cronológica para a chegada a uma etapa pré-estabelecida, sendo esta o revolucionário moderno organizado em partidos e sindicatos. Mas, ao contrário, como uma forma de insurgência que encontra lugar em sociedades normalmente pré-modernas e que *pode vir a* desembocar direta ou indiretamente para formas mais organizadas e sistematizadas de oposição.

Nisso Hobsbawm entra em consonância interpretativa com o filósofo húngaro Gyögy Lukács. A partir da análise do mesmo escrito de Marx (*Grundrisse*) Lukács faz uma diferenciação entre teleologia e causalidade, diferenciação esta implícita, mas constante

² Nesse contexto entendo tal tradição como um conjunto de autores e teorias que têm em comum o vínculo com o pensamento de Engels e Marx, mas que não estabelecem uma “herança homogênea” ou “uma linha ortodoxa”, mas sim “uma diversidade [teórica] conflituosa e aberta”. A tradição crítica, ou somente marxismo crítico como argumenta Michael Löwy, “exige também seu enriquecimento pelas formas mais avançadas e mais produtivas do pensamento não-marxista, de Max Weber a Karl Mannheim, de George Simmel a Marcel Mauss, de Sigmund Freud a Jean Piaget, de Fernand Braudel a Jürgen Habermas (para ficar em apenas alguns exemplos), assim como que levemos em conta os resultados limitados mas frequentemente úteis de diversos ramos da ciência social universitária”. A interessante metáfora utilizada por Löwy como conclusão sintetiza seu argumento: “A obra de Marx foi frequentemente apresentada como um edifício monumental, de arquitetura impressionante, cujas estruturas se articulavam harmoniosamente, dos alicerces até o telhado. Mas não seria melhor considerá-la como um *canteiro de obras*, sempre inacabado, sobre o qual continuam a trabalhar gerações de marxistas críticos?” (LÖWY, 1997, p. 22, 29, 30).

(como será possível notar), no escrito de Hobsbawm. O filósofo húngaro argumenta que o “processo da história é causal, não teleológico, é múltiplo, nunca unilateral, simplesmente retilíneo, mas sempre uma tendência evolutiva desencadeada por interações e inter-relações reais de complexos sempre ativos” (LUKÁCS, 2010, p. 70).

Logo, a relação entre a rebeldia primitiva e os atuais movimentos sociais é causal e não teleológica. De maneira breve isso reside no fato de que “o conteúdo e a forma de cada ente só podem ser percebidos através daquilo em que ele se tornou no curso do desenvolvimento histórico” (LUKÁCS, 2010, p. 70).³ A manifestação de rebeldia social para ser analisada deve partir do que é, o que implica sua análise no contexto em que ela acontece de fato e não no contexto do que deveria se tornar. Isto não pode excluir, contudo, a atividade de se imaginar e teorizar para que lado fosse mais desejável que se desse o seu desenvolvimento.

Essa forma de encarar a rebeldia primitiva está intimamente ligada ao caráter de causalidade do método de Hobsbawm. Usando essa historicidade o historiador argumenta que:

La distinción entre “primitivo” y “moderno” es a la vez un aserto histórico y un juicio de valor. (...). Este sencillo dualismo es, sin embargo, sólo un expediente”. , “No debe confundirse con la práctica que ahora está de moda, de dividir las sociedades en dos únicas categorías amplias, la de sociedad “tradicional” o preindustrial y sociedad “moderna” o industrial, unidas ambas a la vez que separadas por un solo proceso, el de “modernización”. Como es natural, cuando volvemos la mirada hacia la situación característica del mundo desde 1789, en que las sociedades «adelantadas» irrumpen en las “atrasadas”, el aludido dualismo tiene cierto sentido realista: tenemos, sin embargo, que conservar la conciencia de sus límites. Si en cierto sentido podemos poner en un solo grupo a China, Bolivia, el Congo y Egipto — por pertenecer al “Tercer Mundo”, o a los “países en vías de desarrollo”— hay otros sentidos en que no podemos hacer lo propio; y esto también es cierto cuando se alude a los países ahora comprendidos sin distinción dentro del calificativo de “industrializados”. Tampoco es posible reducir el complejo proceso de la historia al solo paso de la revolución industrial, por dramáticos que sean sus efectos y por mucho que sea su alcance. (HOBSBAWM, 1983a, p. 315).

A resolução teórica de Hobsbawm faz com que ele recuse o determinismo de um lado e a rigidez metodológica de outro. Encarar a modernidade e a tradição não só enquanto juízos de valores, mas também enquanto assertiva histórica demonstra a

³ A identificação entre *ser* e *ente* é válida nesse caso, ressaltando que Lukács fala do *ser social* e de sua constituição ontológica. Constituição esta substancialmente histórica.

flexibilidade de seu método, bem como o uso não vulgarizado da dialética passado-presente.

Tal dialética é perceptível já no jovem Marx, em seus primeiros textos.⁴ Assim, levando em conta os próprios escritos de Marx, a interpretação de ambos os interlocutores (Hobsbawm e Lukács), mostra-se plausível e coerente. Leia-se, por exemplo, a famosa passagem d'*O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas elas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial (MARX, 2011, pp. 25, 26).

Para Marx é preciso, portanto, se deter “não apenas na produção histórica em geral, mas na produção histórica determinada”, pois o “ser humano só se individualiza pelo processo histórico” (MARX, 2012, pp. 57, 407). Sendo que, segundo Hobsbawm, as “diversas formas dessa individualização gradual do homem, que significa a ruptura da unidade original, correspondem aos diversos estágios da história” (HOBSBAWM, 2006, p. 38). Estágios estes em relação causal e não teleológica.

O rebelde social não é etapa a ser vencida, desde sempre ultrapassada, ao contrário, é impulso romântico posto em perspectiva. Os rebeldes fizeram sua história de acordo com as circunstâncias que lhes foram legadas, bem como os movimentos sociais modernos. Com essa ideia Hobsbawm estabelece um diálogo com Walter Benjamin.

Em suas *Teses sobre o conceito de História*, Benjamin escreve que o “passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes?”, e “a cada geração” é concedida “uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialismo histórico sabe disso”. Desse modo, articular “historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa

⁴ Já na *Crítica da filosofia do direito de Hegel* escrevia o jovem Marx: “A luta contra o presente político alemão é a luta contra o passado das nações modernas, e estas continuam a ser importunadas pelas reminiscências desse passado” (MARX, 2010, p. 148).

apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” Tal perigo refere-se, de maneira geral, a “entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento” (BENJAMIN, 1994, pp. 223, 224).⁵ Dessa forma:

Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (...). O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vender. (BENJAMIN, 1994, pp. 223, 224).

O passado dirige um apelo a um presente transformado em constante estado de exceção e Hobsbawm sabia disso quando formulou sua tese a respeito da rebeldia primitiva:

De hecho, el interés de la “rebelión primitiva” no estriba en su análisis como sistema de los movimientos sociales propios de las sociedades “tradicionales”, sino en el uso que de este material del pasado puede hacerse para improvisar movimientos que se enfrenten con una situación *nueva* (HOBSBAWM, 1983a, pp. 315, 316).

O que não significa idealizar os movimentos pré-políticos. Evidenciando as reais debilidades desses movimentos torna-se mais coerente seu uso como matéria prima para enfrentar situações novas. A crítica romântica, mas não idealizada, reforça o “apelo messiânico” benjaminiano. Como explicita Hobsbawm:

Su real debilidad [dos movimientos sociales primitivos] reside en su incapacidad para movilizar simultáneamente todas sus fuerzas de garantizarles una dirección política y de mantener su ímpetu; en otros términos, en la falta de una coherente ideología, estrategia y organización. Guiadas por una efectiva dirección política y obrando en el exacto contexto político, estas fuerzas habrían podido ser ciertamente invencibles (HOBSBAWM, 1983b, p. 59).

Partindo da tese de Josep Fontana acredito que com esse procedimento Hobsbawm converte a história não somente em conhecimento científico cerrado e autossuficiente que “se cultiva a si mesmo”, mas ao contrário, ele arranca a própria práxis intelectual de sua “fossilização cientificista para voltar a convertê-la [*também*, acrescento] numa ‘técnica’: num instrumento para a tarefa da mudança social”. O historiador britânico elabora uma visão de história que enxerga cada momento do

⁵ De forma mais específica o perigo do qual fala Benjamin é o fascismo: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, percebemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo” (BENJAMIN, 1994, p. 226).

passado não apenas como “a semente de um futuro pré-determinado e inescapável”, mas sim a semente “de toda uma diversidade de futuros possíveis, um dos quais pode acabar convertendo-se em dominante”, sem que isso signifique, entretanto, “que é o melhor nem por outra parte, que os outros estejam totalmente descartados” (FONTANA, 1998, pp. 265, 275). Ressalte-se que essas “visões alternativas” não devem ser pensadas:

(...) tão (...) somente em termos de invenção discursiva: o seu fundamento reside no fato de que, em alguma encruzilhada do passado, diversificando-se os caminhos que levavam às variadas direções, que propunham esses coletivos e que os seus membros continuam acreditando que a história não terminou e que a projeção desses caminhos ao futuro é ainda possível. (FONTANA, 1998, 275).

De maneira que esse estatuto teórico de história não linear e preocupada com problemas contemporâneos permite,

(...) recuperar coisas que deixamos esquecidas pelo caminho da mitologia do progresso: o peso real das contribuições culturais dos povos europeus, o papel da mulher, a racionalidade de projetos de futuro alternativos que não conseguiram impor-se, a importância da cultura das camadas populares... E deveria ajudar-nos a escapar, com esse enriquecimento do nosso horizonte, da resignação a que pretende condenar-nos o discurso atual de mundialização, filho do velho discurso do progresso, ainda que tenha renegado a seu pai (FONTANA, 1998, pp. 275, 276).

Dessa forma, tal projeto historiográfico insere-se agora não somente no marco do romantismo nas ciências sociais, mas está também intimamente ligado à *história social* que naqueles anos de 1950 e 1960 (em que vêm à luz os livros analisados) se consolidava definitivamente na Inglaterra através dos trabalhos do *Communist Party Historians Group*. Neste grupo além de Hobsbawm estavam presentes E.P. Thompson, Christopher Hill, Rodney Hilton, Raphael Samuel, Victor Kiernan, Maurice Dobb, dentre outros.

Nesse momento referia-se à história social como ligada “à história das classes pobres ou inferiores, e mais especificamente à história de seus movimentos (‘movimentos sociais’)”. Dessa forma, o “vínculo entre a história social e a história do protesto social ou movimentos socialistas permaneceu forte” (HOBSBAWM, 2010d, p. 83). A novidade do estudo sobre o banditismo social reside, porém, não só em seu vínculo com a tradição da história social britânica, mas em consubstanciar tal abordagem com o método desenvolvido pelo pensador italiano Antonio Gramsci.

Em suas anotações carcerárias, Gramsci ressaltava a importância de se estudar a história “de baixo pra cima”, tratando também “a parte de baixo” como agente efetivo de transformação social. Assim, o bandido, ou o rebelde primitivo de forma mais generalizada, aparece não só como um dos elementos da análise, mas como agente capaz de iniciativa autônoma:

Na realidade, mesmo quando parecem vitoriosos, os grupos subalternos estão apenas em estado de defesa, (...). Por isto, todo traço de iniciativa autônoma por parte dos grupos subalternos deve ser de valor inestimável para o historiador integral (GRAMSCI, 2002a, p. 135).

Dialogando com Gramsci, Hobsbawm define de maneira preliminar o que seria o bandido:

Nas montanhas e nas florestas, bandos de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade (tradicionalmente, mulheres são raras), impõem suas vontades a suas vítimas, mediante extorsão, roubo e outros procedimentos. Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados. O ‘banditismo social’, o tema deste livro, é um aspecto desse desafio (HOBSBAWM, 2010c, p. 21).

Portanto, conclui o historiador, que como “fenômeno específico, o banditismo não pode existir fora de ordens socioeconômicas e políticas que possam ser assim desafiadas” e esse desafio se dá no âmbito do exercício do poder, de maneira que os “bandidos, por definição, resistem a obedecer, estão fora do alcance do poder, são eles próprios detentores do poder, e, portanto, rebeldes em potenciais”. Dessa forma, a “história (...) do banditismo social, não pode ser entendida nem adequadamente estudada exceto como parte da história humana do poder político, o qual, em seus níveis mais altos, é o poder dos impérios e dos Estados” (HOBSBAWM, 2010c, p. 21).

Em uma leitura apressada e pouco atenta da obra pode parecer que o historiador esteja recorrendo a uma abstração colocada *a posteriori* na realidade a ser estudada. Tal interpretação estaria equivocada. Hobsbawm sabia, assim como Gadamer, que o sustentáculo da “construção do mundo histórico não são os fatos extraídos da experiência e em seguida incluídos numa referência axiomática”, mas ao invés disso o fato de que a base desse “mundo histórico” é, “antes de tudo, a historicidade interna própria da mesma experiência” (GADAMER, 2007, p. 300). O bandido ou o rebelde não

são axiomas estranhos da experiência histórica objetiva e concreta. Logo, não são abstrações *a posteriori*.

Mais uma vez não se pode compreender a tese de Hobsbawm esquecendo-se da escola a qual estava vinculado. O “historicismo” é marca patente do materialismo histórico crítico. É esse mesmo historicismo que permite o diálogo, até certa medida, com pensadores como Gadamer, um hermenêuta ligado à fenomenologia. Com seu historicismo Hobsbawm rejeitava, assim como Gramsci,

(...) a redução do materialismo histórico a uma espécie de sociologia abstrata: um corpo teórico preparado para interpretar diretamente a realidade. O pesquisador da história não vai da teoria à realidade, à busca de espécimes puros que correspondam àquilo que se previu anteriormente: ‘A realidade é rica nas combinações mais estranhas e é o teórico que está obrigado a buscar a prova decisiva de sua teoria nesta estranheza, a traduzir para a linguagem teórica, os elementos da vida histórica e não o contrário, que seja a realidade que deva apresentar-se segundo o esquema abstrato’(FONTANA, 2004, p. 323).

Dessa forma, a definição dada por Hobsbawm para o banditismo parte do mesmo norte da definição estabelecida por Gramsci para o Cesarismo: “O significado exato de cada forma de cesarismo só pode ser reconstruído a partir da história concreta e não de um esquema sociológico abstrato” (GRAMSCI, 2007, p. 76).⁶

Todavia, mesmo recusando um “esquema sociológico abstrato” não cabe também uma narrativa descritiva dos atos cometidos por bandidos sociais. Isto porque “o que interessa ao historiador social e econômico é principalmente a estrutura do banditismo (...) mais que os efeitos das atividades dos bandidos na história geral dos acontecimentos de seu tempo” (HOBSBAWM, 2010c, p. 24).

Estabelecida a estrutura “ela deve ser vista em seu movimento histórico” (HOBSBAWM, 2010d, p. 94). As estruturas do banditismo social devem ser vistas não de forma estática ou como espécie de todo homogêneo, mas sim enquanto complexo de contradições de terminados contextos específicos. Nas palavras do próprio autor:

As tensões às quais a sociedade está exposta no processo de mudança histórica e transformação permitem então que o historiador exponha, em primeiro lugar, o mecanismo geral pelo qual as estruturas da sociedade tendem simultaneamente a perder e restabelecer seus equilíbrios e, em segundo lugar, os fenômenos que tradicionalmente são o tema de interesse dos historiadores

⁶ Sobre o conceito gramsciano de cesarismo ver, dentre outros, Portelli: “Na medida em que o cesarismo constitui uma arbitragem entre os dois protagonistas, a balança poderá pender para um lado como para o outro. Dependendo de que favoreça a classe conservadora ou as forças progressistas, o cesarismo será regressivo ou progressivo. O cesarismo é um compromisso, mas obrigado a evoluir a favor de um ou outro campo ou a desaparecer em caso de novo desequilíbrio de forças.” (PORTELLI, 2002, p. 143).

sociais, como, por exemplo, a consciência coletiva, movimentos sociais e a dimensão social das mudanças intelectuais e culturais (HOBBSAWM, 2010d, p. 94).

O banditismo social, enquanto estrutura, portanto visto em longa duração, é o núcleo que permanece por mais tempo, sendo suas formas de expressão e meios de ação que tendem a se modificar mais (e mesmo de forma bastante radical) a depender do contexto. Não há nisso “sincronia perfeita” ou uma “estrutura fantasmagórica”, pois, para o “historiador (...) a duração muito longa é a duração ‘longa demais’”, que não pode “fazer esquecer o ‘jogo múltiplo da vida, todos os seus movimentos, todas as suas durações, todas as suas rupturas, todas as suas variações’” (RICOEUR, 2010, p. 175).

A estrutura para Hobsbawm é válida somente enquanto analisada diacronicamente. Isso porque, assim como Koselleck, ele percebia que é “apenas por meio da perspectiva diacrônica que se pode avaliar a duração e o impacto de um conceito social ou político, assim como das suas respectivas estruturas.” Isso não impede que se analise sincronicamente um evento específico do banditismo social ou da rebeldia primitiva. O próprio Hobsbawm se debruça sobre a análise específica de, por exemplo, Salvatore Giuliano, Pancho Villa e Lampião, com marcos temporais curtos e cirúrgicos. Mas ele integra esse “ponto de vista sincrônico” em torno das “suas alterações ao longo do eixo diacrônico” desembocando no estudo das “estruturas e suas alterações, como categorizado no âmbito da história social” (KOSELLECK, 2006, p. 105, 114, 115).

Ao fazer tal exercício Hobsbawm toca naquele que Gramsci considerou como sendo o ponto central de toda análise social feita a partir do materialismo histórico: “Não é tratado o ponto fundamental: como, a partir das estruturas, nasce o movimento histórico? E, no entanto, este é o ponto crucial de toda a questão do materialismo histórico, (...). (GRAMSCI, 2002b, p. 76). Esse ponto central é lembrado por Eric Hobsbawm ao recusar esquemas funcionalistas e estáticos, pondo, através de um dialogismo sofisticado, a estrutura em movimento:

Dada essa “orientação” do desenvolvimento histórico, as contradições internas dos sistemas socioeconômicos fornecem o mecanismo para a mudança que se torna desenvolvimento. (Sem ela, poder-se-ia afirmar que meramente produziriam flutuação cíclica, um processo interminável de desestabilização e reestabilização; e, é claro, as mudanças poderiam brotar dos contatos e conflitos de diferentes sociedades.) A questão em torno de tais contradições internas é que não podem ser definidas simplesmente como “disfuncionais”, exceto na hipótese de que a estabilidade e permanência sejam a norma, e a

mudança a exceção; ou mesmo na hipótese mais ingênua, frequente nas ciências sociais vulgares, de que um sistema específico é o modelo a que toda mudança aspira. O que acontece é que (...) um modelo estrutural que considere apenas a manutenção de um sistema é inadequado. É a existência simultânea de elementos estabilizantes e perturbadores que tal modelo deve refletir. E foi nela que o modelo marxista – mas não suas versões marxistas vulgares – se baseou (HOBSBAWM, 2010d, p. 167).

Ao se debruçar sobre o banditismo, Hobsbawm está interessado nas transformações, mas transformações estas explicadas de forma estrutural. E para isso importa tanto os condicionamentos econômicos e sociais como a sublevação pelas ideias, subvertendo assim a maior crítica feita ao materialismo histórico: seu suposto determinismo entre base (estruturas econômicas e sociais, grosso modo) e superestrutura (aspectos ideológicos e culturais em geral, grosso modo). O método utilizado por Hobsbawm implica ao invés disso “uma consideração da superestrutura também como base, ou seja, a importância das ideias”, de maneira que importa analisar a “lógica interna de sistemas de pensamento e comportamento” que “se adequam ao modo pelo qual as pessoas vivem em sociedade em sua classe particular e em sua situação particular da luta de classes, contra aqueles de cima, ou (...), de baixo” (HOBSBAWM, 2010d, p. 198, 200).

Com esse procedimento analítico clarificam-se as transformações estruturais, respondendo empiricamente a questão colocada por Gramsci: como através das estruturas configura-se o movimento histórico. Mas vai-se além. Com o trabalho acerca do banditismo social e da rebeldia primitiva Hobsbawm explica também como através do movimento histórico (movimento este que inclui formas de consciência, ideologia, em suma “lógicas internas de sistema de pensamento”), se transformam as estruturas.

CONCLUSÃO

Antonio Gramsci formulou em sua correspondência carcerária uma comovente - mas também elucidativa - definição sobre o conceito de História. Escreveu ele ao seu filho Delio:

Carissimo Delio, mi sento un po' stanco e non posso scriviti molto. Tu scrivimi sempre e di tutto ciò che ti interessa nella scuola. Io penso che la storia ti piace, como piaceva a me quando avevo la tua età, perché riguarda gli uomini è viventi e tutto ciò che riguarda gli uomini, quanti più uomini è possibile, tutti gli uomini del mondo in quanto si uniscono tra loro in società e lavorano e lottano

e migliorano se stesse non puó non piacerti piú di ogni altra cosá. Ma è Così? Ti abbraccio. Antonio (GRAMSCI, 2011, p. 285).⁷

Posteriormente em seus *Quaderni* ele viria a dar maior corpo a essa argumentação. Entretanto, o núcleo essencial de seu pensamento está aí. Da mesma forma é possível dizer que também está aí o componente essencial da obra de Eric Hobsbawm: a transformação, dinâmica e nunca linear da realidade objetiva. Foi a partir dessa problemática que se gerou seu postulado teórico e seu projeto social. Projeto este que trata de “tutti gli uomini del mondo in quanto si uniscono tra loro in società e lavorano e lottano e migliorano se stesse” [*todos os homens do mundo enquanto se unem em sociedade e trabalham, lutam e melhoram a si mesmos*]. Se nessa percepção histórica há romantismo de um lado, não há, porém, idealização. Se há vínculo messiânico com o passado não há, porém, linearidade nesse devir.

Em meados de 2008, o pensador italiano Giorgio Baratta realizou uma visita a Eric Hobsbawm. Naquela ocasião Baratta filmou o historiador britânico lendo uma carta escrita para Gramsci. Tratava-se de um gesto simbólico somente é claro, visto que Gramsci morreu em 1937. Mais tarde Baratta escreveria uma resposta, em suas palavras, fantástica de Gramsci a Hobsbawm. Nessa carta *Gramsci* responde: “Caro Eric, um fio condutor une as nossas experiências: (...); os seus rebeldes, os meus subalternos; a sua história total, o meu historicismo absoluto; o meu comunismo, o seu; (...).” (BARATTA, 2011, p. 6). Continuando sua resposta, Gramsci escreve:

Você e eu, Eric, sabemos bem, como disse Max Weber, que a modernidade é desencanto e destruiu espíritos animalescos e impulsos vitais que como eram, nunca mais voltarão, nem nós temos desejo ou saudade deles; mas sabemos também que a modernidade queimou uma enorme quantidade de energias criativas que aqueles mesmos espíritos e impulsos transmitiram aos “tempos modernos” em formas ainda informes, que ficaram no estado embrionário e potencial, formas escravizadas pela “revolução passiva”. Nós não nos resignamos, e resistimos. Eu também penso, como você, que tudo o que de elementar sobrevive na vida moderna ressurgirá irresistivelmente. Por isso continuaremos a raciocinar com a linguagem da paixão e de luta, além do intelecto e a análise. (BARATTA, 2011, p. 7).

⁷ Em tradução livre: “Amado Delio, me sinto um pouco cansado e não posso escrever-te muito. Tu escreves-me sempre e de tudo aquilo que te interessa na escola. Eu penso que a história te agrada, como agradava a mim quando tinha a sua idade, porque se refere a todos os homens do mundo enquanto se unem em sociedade e trabalham, lutam e melhoram a si mesmos, não pode deixar de agradar mais que qualquer outra coisa. Mas é assim? Abraço-te, Antonio”.

A paixão cega seria vazia, bem como o intelecto sem aspirações. Trata-se, no método de Hobsbawm, de analisar o passado e constituir projeto. Continua *Gramsci*, agora falando diretamente sobre os rebeldes primitivos:

Há cinquenta anos você trabalhava em seu esplendido livro sobre os *Rebeldes*, no qual sublinha como “muitos grupos sociais e regionais do mundo moderno” assemelham-se aos camponeses da Itália meridional de 1920, dos quais falei e escrevi. Cita um pensamento meu: “Eles estão em perene efervescência, mas incapazes, como massa, de dar uma expressão unitária as próprias aspirações e as próprias necessidades”. Para isso era preciso haver intelectuais críticos lembrados do comunismo, desde que sejam realmente próximos das massas. (BARATTA, 2011, pp. 7, 8).

Hobsbawm foi um desses intelectuais. Com sua morte recente perde-se não uma referência ou um guia. Mas um intelectual crítico. Com seus erros e acertos.

Estas *notas para a leitura* do banditismo social não poderiam deixar ser emotivas na conclusão, pois seu caráter básico é (como foi possível notar), de uma homenagem, crítica e teórica, mas essencialmente uma homenagem. O que não significa que não se tenha cumprido os principais objetivos: problematizar a tese sobre o banditismo social e a rebeldia primitiva, demonstrando sua resolução teórica e suas implicações a níveis práticos. Assim, o tempo não linear abre espaço para o vínculo messiânico e tal vínculo para o engajamento. Mas não um engajamento vazio e panfletário, mas enquanto mecanismo para “gerar novas ideias, perguntas e desafios a partir de fora” da prática científica, sendo que sem ele, o desenvolvimento das ciências sociais “estaria em risco” (HOBSBAWM, 2010, p. 154).

A tese sobre a rebeldia se estabeleceu através desse engajamento, por meio de um procedimento teórico que buscava compreender o desenvolvimento interno do devir histórico e as modificações de suas estruturas. Modificações estas feitas a partir da ação de homens e mulheres, que não tendo à mão os programas e formas de organização *hodiernas* lançaram-se com as armas que tinham. Analisando as armas da crítica Hobsbawm nos deixou uma crítica das armas. Olhemos para esse legado, o tempo pede.

Recebido em: 15/10/2012

Aceito em: 09/08/2013

REFERÊNCIAS

- BARATTA, Giorgio. “Diálogo real e maravilhoso entre Eric J. Hobsbawm e Antonio Gramsci”. In _____. *Gramsci em contraponto*. São Paulo: UNESP, 2011. p. 4 - 8.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de História”. In _____. *Obras Escolhidas (Vol. I). Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- FONTANA, Josep. *História: Análise do Passado e Projeto Social*. Bauru: Edusc, 1998.
- _____. *A História dos Homens*. Bauru: Edusc, 2004.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método. (Vol. I). Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. (Vol. 3). Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *Cadernos do Cárcere. (Vol. 5). Risorgimento. Notas sobre a História da Itália*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a.
- _____. *Cadernos do Cárcere. (Vol. 6). Literatura. Folclore. Gramática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.
- _____. *Lettere dal carcere*. Turino: Einaudi, 2010.
- HOBBSAWM, Eric. *Rebeldes Primitivos. Estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales en los siglos XIX y XX*. Barcelona: Editorial Ariel, 1983a.
- _____. *Marxismo e Historia Social*. Puebla: Universidad autónoma de Puebla, 1983b.
- _____. “Introdução”. In MARX, Karl. *Formações económicas Pré-Capitalistas*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 13 - 64.
- _____. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010c.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/ PUC-Rio, 2006.
- LÖWY, Michael. “Por um marxismo crítico”. *Lutas sociais*, nº 3. São Paulo: Editora PUC, 1997. p. 21 -30.
- _____; SAYRE, Robert. “A corrente romântica nas ciências sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams”. *Crítica Marxista*, nº 8. São Paulo: Xamã Editora, 1999. p. 43 - 66.

LUKÁCS, György. *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social. Questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa. (Vol. I)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.